

MERGULHADO EM ÁGUAS VIRTUAIS

(Publicado no Pré-Textos para Discussão nº 5 – UNIFACS)

André Santanchè*

UM CROCODILO NO RIO

Eu gostaria de ser um crocodilo, porque eu gosto dos rios grandes, porque eles são profundos como a alma do homem; na superfície são muito vivos e claros; no fundo são tranquilos e escuros como o sofrimento humano.

(João Guimarães Rosa , 1965)

Tomo emprestada esta imagem de João Guimarães Rosa para fazer uma analogia com o propósito desta breve reflexão.

Mergulhados em um rio que nunca é o mesmo a cada instante, cresce a impressão de que as águas correm cada vez mais rápidas e a sensação de perder o controle nas correntezas e de não saber mais para onde vai o rio e quão depressa.

Falar sobre este rio e como ele tem modificado o modo de vida de seus habitantes é um desafio grande. É então necessário mergulhar para o fundo, onde as águas estão mais tranquilas, para poder se perguntar: Afinal, onde estou?

NOVAS TECNOLOGIAS

Poucas pessoas já conseguiram entender que não é necessário estar na frente da televisão no dia e na hora que determinado programa irá passar para assisti-lo. É ainda estranho se pensar que um videocassete pode ser programado para gravar o programa de forma que seja assistido em outro momento. Mesmo se parece já termos evoluído bastante ao ponto de sabermos distinguir um programa ao vivo de uma gravação, as nossas noções de tempo e presença resistem em aceitar que se possa dizer a um aparelho: “ei, grave para mim o programa que irá passar às duas horas da tarde e me mostre as sete da noite”.

Apesar do computador ser, sem sombra de dúvida, um dos artefatos tecnológicos que mais tem afetado nosso cotidiano, não se devem exclusivamente a ele as mudanças que estamos vivendo. Na década de 80, antes da difusão da Internet e de tão grande popularização dos microcomputadores, Pierre BABIN(1989, p.11) observou:

o meio tecnológico moderno, em particular a invasão das mídias e o emprego de aparelhos eletrônicos na vida quotidiana, modela progressivamente um outro comportamento intelectual e afetivo.

* * Especialista em Informática, professor e pesquisador no Curso de Ciência da Computação da UNIFACS e coordenador do Núcleo de Pesquisas de Informática e Educação VOLARE, desta mesma instituição.

Surge então a questão das Novas Tecnologias. Computador, televisão, forno de microondas, telefone; vemo-nos progressivamente acompanhados de um arsenal de aparelhos que mudam a nossa forma de viver. É neste ponto que nos perguntamos: dedicamos uma porção de tempo no aprendizado do uso destes aparelhos; mas será que despendemos uma fração deste tempo pensando em quem somos nós em meio a esta cidade tecnológica?

SER VIRTUAL

A palavra tem o significado genérico de algo que não existe propriamente, mas decorre do atual [...]. Com a entrada dos computadores pessoais na vida cotidiana, virtual passou a ser tudo aquilo que se vê na tela e que pode ser utilizado - como programas e bancos de dados -, mas não existe fisicamente.

(DIMENSTEIN, 1998, p.)

O que, afinal de contas, há de tão extraordinário nos computadores e na Internet que tem aberto tantas discussões? Tudo começa com os computadores...

Decididamente, o primeiro computador era em forma, tamanho e capacidade bastante diferente dos atuais microcomputadores, no entanto, guardava o princípio básico que tem regido os computadores de todos os tempos: o fato de ser uma máquina que processa dados. Por serem os dados representações simbólicas de algo, este princípio tem caracterizado o computador como uma máquina capaz de trabalhar com representações. Podemos, por assim dizer, que o computador é uma máquina que processa o virtual.

O termo virtual veio à tona com o assustador aumento da capacidade dos computadores e a evolução dos dispositivos e programas gráficos de som e vídeo. Estas máquinas se aperfeiçoaram em produzir representações da realidade que dão a impressão de ser a realidade; a partir daí se tornou necessário distinguir o real do virtual. Um bom exemplo disto consiste em uma pequena lata de lixo **virtual** que é disponibilizada nos modernos computadores. Quando o usuário quer se livrar de algo, basta selecionar e soltar o que deseja dentro da lata de lixo que aparece na tela. Esta operação é bem parecida com a forma como procedemos no mundo **real**; neste caso, o computador age como um ator, simulando todo o processo e traduzindo esta ação em um conjunto de instruções internas necessárias para realizar o que se deseja.

A Internet abriu as portas para que todos estes pequenos universos virtuais espalhados pelo mundo se interligassem. Se antes as pessoas tinham a impressão de estar interagindo com algo real no seu computador, com a interligação destes, o universo virtual se espalhou pelo mundo. Eis a Aldeia Global.

Esta tentativa de definir a Internet pode levar a uma impressão de uma super valorização de um punhado de máquinas interligadas entre si, mas ela é bem mais do que isto!

Entre outros efeitos, Pierre LEVY destaca a formação de uma inteligência coletiva, modelada pelo acelerado intercâmbio de informações e novas formas de

compartilhamento das mesmas. Esta inteligência tem acelerado o processo de mudança. Se antes eram necessários meses para que se tomasse conhecimento de um trabalho científico desenvolvido em outra parte do planeta, hoje, isto pode ser feito quase que imediatamente, no momento em que dados da pesquisa são publicados na Internet. Já se pode observar, inclusive, alguns pesquisadores que vão documentando todo o trabalho que estão desenvolvendo na Internet na medida em que ele acontece. Estas informações produzirão efeitos e irão gerar outras pesquisas em um espaço de tempo muito menor.

MUDANÇAS, MUDANÇAS E MAIS MUDANÇAS

*Ainda não houve tempo para o homem adequar-se à máquina.
Nem haverá, tão cedo: a cada dezoito meses ela dobra de potência e
fica mais subutilizada. (VEJA, 1995, p.)*

A expressão “não entendo nada de informática” soa aos ouvidos de muitos como um crime. Por sua típica capacidade de assumir diversos papéis, o computador tem se afirmado como um precioso instrumento nos mais diversos ambientes.

Uma maré de indivíduos se lançam no aprendizado de “como utilizar o computador”, sem que alcancem uma segunda etapa, talvez mais importante do que a primeira: “porque utilizar o computador?”.

Não faz sentido, por exemplo, que eu aprenda a utilizar um forno de microondas sem jamais entender para que ele serve de fato. Provavelmente continuarei utilizando meu forno e fogão tradicionais para a maior parte das atividades e, na melhor das hipóteses, me limitarei a simplesmente utilizá-lo (o microondas) para esquentar alguns alimentos rapidamente, não porque ele não sirva para outras coisas, mas porque quando aprendi a usar este sofisticado aparelho só me ensinaram a esquentar alimentos.

Também não faz sentido comprar um forno de microondas se acho que posso fazer tudo muito melhor em um forno tradicional. Talvez a única preocupação é que todos estão comprando fornos de microondas e que parece que é simplesmente necessário que eu também compre um, mesmo que não me sirva. O simples fato de comprá-lo talvez me torne mais atualizado em termos de fogão.

Eis aí o que muitos estão fazendo com os computadores.

Arriscaria dizer que é mais importante um indivíduo que sabe o que fazer com um computador, mas não sabe manuseá-lo, do que o contrário.

AINDA SOMOS OS MESMOS?

Esta questão nunca havia me chamado tanta atenção até o dia em que presenciei um fenômeno curioso. Tive que passar um dia inteiro em um laboratório de informática a fim de corrigir alguns trabalhos feitos por alunos meus no computador. O laboratório consistia em uma sala de acesso público a estudantes, onde estavam dispostos alguns computadores ligados à Internet.

Logo que entrei na sala, observei um grupo de alunos que estavam absortos em alguma atividade nos computadores. Por ser um período de final de ano, em que não haviam mais trabalhos a ser entregues, o laboratório usualmente se encontraria mais vazio; no entanto, naquele dia, parecia quase cheio. Ao observar com mais cuidado, verifiquei que a grande maioria dos alunos estavam utilizando um sistema disponível na Internet, popularmente chamado de Bate Papo, que permite a intercomunicação de um grupo de indivíduos que podem estar fisicamente espalhados por qualquer parte do mundo. O diálogo se dá através do texto, que, ao ser escrito por um dos componentes do grupo, pode ser direcionado a um outro ou a todo o grupo.

Pela atitude daquele grupo que estava na sala, pude perceber que todos se conheciam e que não só estavam conectados a pessoas em outras partes do país e do mundo, como também estavam se comunicando, através do sistema, entre si. Tive que passar o dia todo em minha atividade de correção e pude verificar que eles estavam religiosamente todos presentes, animados e entretidos naquela forma virtual de se comunicar.

Não é preciso ir mais além para nos perguntarmos: ainda somos os mesmos?

Esta pergunta exige outras duas: como devemos viver este novo tempo e como devemos educar nossos filhos diante desta nova sociedade?

Antes de mais nada, devemos nos recordar que por detrás de qualquer tecnologia estão as pessoas que as criam e que as utilizam. Isto desloca o nosso foco de análise para um outro ponto. Como afirmou Pierre LEVY(1997, p.):

É o processo social em toda a sua opacidade, é a atividade dos outros que aparece sob a máscara estranha e inumana da técnica. A culpa pelos impactos negativos deveria ser atribuída sobretudo à organização do trabalho, às relações de dominação ou ainda à inextricável complexidade dos fenômenos sociais. Do mesmo modo, não pertence à técnica o mérito pelos impactos positivos, mas sim aos homens que conceberam, produziram e utilizaram certos instrumentos.

O sentimento de impotência de como proceder diante das novas tecnologias nos faz achar que isso se deve exclusivamente ao fato de não conhecermos seu mecanismo de funcionamento e atuação; no entanto, mesmo se estes aspectos são decididamente importantes, devemos voltar nossa atenção para o que a sociedade, as corporações e os indivíduos estão fazendo com a tecnologia. Apenas esta simples mudança de perspectiva pode ajudar bastante no uso crítico das mesmas.

Muitos foram os estudos realizados com a televisão, por exemplo, e seu impacto na vida das pessoas. Apesar das características peculiares da TV como tecnologia, que necessariamente nos leva a um determinado tipo de comportamento em relação a ela, o ponto em questão é sempre: o que as instituições que produzem os programas de televisão pretendem com o que apresentam? A mesma pergunta estenderemos às outras demais tecnologias, em especial à Internet.

MERGULHANDO NO RIO

Diante de tudo isto, surge a questão: e daí?

Terei de voltar à imagem do crocodilo. Desta vez os convido a mergulhar para o fundo do rio.

Não há dúvida de que, junto com os potenciais benefícios das Novas Tecnologias, acompanham seus perigos. Nosso foco, mais uma vez, se desloca para o homem.

Esta nova sociedade exige de nós reflexão e mudança. Estar disposto a mudar é imprescindível para encontrarmos nossa identidade.

IR AO ENCONTRO DO HOMEM

Apesar da tecnologia criar esta grande aldeia global, ela traz em si, ao meu ver, um efeito colateral. Desde o advento da televisão, pode-se observar que o distanciamento do sujeito (espectador) em relação a um fato ocorrido, que é apresentado na sala da sua casa, pela TV, mas ao mesmo tempo está bem distante, conduz a uma distorção na percepção de alguns valores.

Por exemplo: podemos observar que o crescimento de filmes que apresentam cenas de violência, com verdadeiras chacinas, tem banalizado a questão da morte. Estamos acostumados a ver tantas dezenas de pessoas morrendo em filmes policiais ou de guerra, que, ao assistirmos notícias reais de pessoas que estão morrendo, poderemos já não perceber que acabou a ficção e iniciou a realidade. Além disto, a televisão pode ir além, conseguindo, muitas vezes, estabelecer valores segundo sua conveniência.

Há poucos dias atrás, pude presenciar como a morte de um cantor comoveu uma porção de pessoas e foi comentada incessantemente durante bastante tempo. Pergunto a mim mesmo quantas pessoas conheciam aquele cantor realmente, a ponto de se comover, ou se tais emoções não se deviam ao fato de notícias sobre ele passarem a cada instante, nas telas da TV, acompanhadas de uma grande quantidade de cenas e músicas comoventes. Na semana seguinte, ouvi uma notícia que me deixou chocado: um pai desempregado matou a esposa e se suicidou; no entanto, não vi pessoas comovidas, nem sequer um comentário. Não seria porque esta notícia foi apresentada apenas uma vez, como apenas mais uma das muitas que são despejadas na nossa casa todos os dias?

Da mesma forma que a TV, a Internet pode induzir tal comportamento. Em meio a uma grande quantidade de coisas muito interessantes e construtivas, podemos encontrar muito lixo e estupidez coletiva.

Citaria um exemplo em particular que me parece retratar bem esta idéia: consiste no que estão chamando de **“sexo virtual”**.

Não foi certamente com a Internet que se iniciou a exploração do homem pelo homem, que, em busca de um prazer desmedido, está disposto a transformar o outro em um mero objeto, obrigando-o a abrir mão de sua dignidade e, na maioria dos casos, a se prostituir. Mas a Internet tem ampliado de várias formas este processo e, pior do que isto tudo: por sua característica tipicamente virtual, distancia as pessoas do fato concreto, tornando-as insensíveis ao fato.

Fiquei assustado ao encontrar uma pessoa conhecida comentando com outros sobre como gostou de ver imagens na Internet com cenas de exploração infantil e pedofilia, sem se dar conta do que realmente estava fazendo! A maioria destas pessoas, se fosse colocada diante de uma destas crianças, não pela Internet, mas de verdade, se soubesse como foram exploradas e obrigadas a se prostituir, talvez chorasse ao perceber a monstruosidade de tais atos.

As novas tecnologias, utilizadas desta forma, têm a capacidade de desumanizar o homem e podem ser realmente devastadoras. É por este motivo que deve haver uma grande atenção para o homem, antes da tecnologia.

Neste ponto, a educação tem um papel importante de apontar o rumo correto da tecnologia a serviço do crescimento e da dignidade humana. Tenho a impressão de que os cursos que muitas vezes preparam os jovens para lidar com a tecnologia não deveriam se deter apenas às máquinas, mas deveriam preparar estes jovens em questões como Ética.

Mas como preparar alguém para algo que não sabemos se nós estamos preparados?

UM NOVO PAPEL

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão. (FREIRE, 1970, p.184)

Ninguém consegue sozinho se encontrar nesta maré de mudanças. Ir ao encontro dos outros parece ser, então, o caminho, de onde já podem ser observados dois grandes benefícios: o sair de si mesmo para encontrar o outro, nos ajuda a ir além da atitude de isolamento e egoísmo a que pode nos conduzir a tecnologia; além disto, o grupo tem a capacidade de formar uma consciência crítica a partir do debate, intercâmbio de idéias e experiências, e motiva a estarmos em constante atitude crítica perante o que nos é oferecido. Isto pode e deve acontecer em várias instâncias da sociedade.

Alguns pais às vezes se perguntam sobre o que fazer com seus filhos que, ao terem acesso à Internet, ainda não estão devidamente preparados e formados para o que

lá irão encontrar. Tal preocupação fez com que fossem desenvolvidos programas que bloqueiam o acesso a determinados pontos da Internet considerados inadequados. No entanto, surgem muitas questões a partir daí.

A primeira é: será que o que o programa considera adequado é o que eu considero adequado. Segundo: pelo próprio mecanismo da Internet, não é possível se saber quais são todos os pontos inadequados - a cada dia surgem dezenas deles, e mesmo se estes programas têm atualização constante, eles não conseguem acompanhar estas mudanças. Por último: os adolescentes e jovens desta geração entendem muito mais de como manusear o computador que os próprios pais e isto pode causar uma inversão, ou seja, o filho é quem vai ter a capacidade de determinar o que os pais irão ver. Não é, portanto, um programa que irá garantir a boa condução desta nova geração na Internet.

A sobrecarga de atividades na sociedade moderna faz com que os pais tenham cada vez menos tempo para estar com seus filhos - este também é um dos motivos que os leva a pensar no tal programa. O papel dos pais, no entanto, é imprescindível. Muito já foi relatado dos efeitos negativos que a televisão tem produzido nas crianças, porque seus pais, por “não terem tempo”, fazem uso da TV como uma babá eletrônica.

Isto conduz a uma necessária mudança de atitude. Pais e filhos, juntos, devem compartilhar atividades, como assistir televisão e “navegar pela Internet”, pois a partir daí surge a possibilidade de se debater. Os filhos, cheios de curiosidade e com uma enorme capacidade de aprender, e os pais, que já possuem uma consciência crítica mais amadurecida, vital na formação de seus filhos, e que, além disto, podem e devem, em muitas ocasiões, mostrar e estabelecer os limites, não através de programas de bloqueio, mas a partir do diálogo, que conduz a uma liberdade conquistada em comunhão.

A ESCOLA

A escola não poderia, de forma alguma, deixar de ser questionada quanto à sua atuação neste cenário. Muitos têm sido os esforços para se encontrar o papel da nova escola nesta nova sociedade.

Apenas este tema exigiria toda uma explanação à parte; no entanto, gostaria de focalizar um aspecto que me parece bastante relevante: o papel do professor e dos alunos.

Os professores cada vez mais se questionam sobre como posicionar-se perante as novas tecnologias. Seus alunos possuem mais domínio e destreza com estas máquinas. Utilizá-las, portanto, pode parecer um risco, a possibilidade de perder o título de detentor dos conhecimentos. Além disto, com a Internet, os alunos podem ter acesso a informações que muitas vezes o professor ainda não tomou conhecimento, pois não teve tempo de se atualizar. Um caso típico são as novas descobertas e invenções da ciência, que são publicadas na rede num curtíssimo espaço de tempo. O conhecimento, portanto, deixa de ser restrito ao livro didático, conhecido companheiro do professor, para se abrir ao mundo.

Esta questão não exige apenas que os professores aprendam a manusear computadores. Os próprios professores de informática se vêem diante de uma tecnologia que evolui tão rápido e de um volume tão grande de informações, produzidas na Internet, que se torna impossível acompanhar.

Somando-se a tudo isto, acrescente-se a questão: o que fazer com os alunos no computador? A simples transferência dos conteúdos do quadro negro para as telas do computador, apesar de alguns benefícios, tal como a possibilidade de se trabalhar com muitas mídias (imagens, sons, vídeos, textos e animações), explora um pequeno potencial da informática e também é por demais trabalhoso de ser produzido. As experiências que se tem feito atualmente apontam em outra direção.

Mais uma vez voltamos à questão da mudança de postura. Vamos colocar a questão da seguinte forma: temos uma sala com um professor, que, por mais que se esforce, não poderá produzir, nem encontrar, material suficiente para saciar a fome de conhecimento de seus alunos (considerando o modelo tradicional do professor detentor do conhecimento), que apenas recebem este conhecimento e, na melhor das hipóteses, o exercitam; do outro lado temos os alunos, muitos com o domínio da informática, ou com capacidade e tempo para tal, capazes de produzir o que se possa imaginar em termos de computação.

Bem, não seria mais interessante se este professor se sentasse em meio aos seus alunos e lhes fosse dando a direção, e estes alunos passassem então a ser construtores dos próprios conhecimentos, que seriam não só aprendidos, mas, com o grande potencial da Internet, disponibilizados e compartilhados dinamicamente com um universo muito maior. Todos estariam empenhados em fazer a grande embarcação navegar pelas águas do conhecimento e o professor estaria no leme. Isto significa também entender que nesta jornada todos aprendem.

Observa-se, então, que não estamos diante de uma questão de simplesmente aprender informática. Acredito que não poderemos avançar se não estivermos dispostos a mudar.

FINALMENTE

Muitas questões ainda poderiam ser consideradas. Este tema traz, com certeza, uma quantidade incontável de questões; algumas estão ainda sem resposta, ou não possuem a resposta adequada.

Uma coisa, no entanto, parece clara. A tecnologia não irá resolver, nem mesmo esconder, a mesma e velha questão: em que direção vai o homem?

Se ele vai na direção do fechar-se em si mesmo, buscando, também na tecnologia, uma nova forma ou ampliação de prazer pessoal e de dominação, já sabemos o que irá encontrar do outro lado.

Por sua vez, se o caminho é a comunhão, a unidade, acredito que também já temos a resposta.

Parece que a questão se resume a uma decisão de um crocodilo no rio: estar eternamente na superfície que corre veloz, ora nadando freneticamente contra a corrente, ora se deixando levar, ou mergulhar em profundidade e nas águas mais tranqüilas da essência das coisas, procurar perceber para onde vai o rio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSIEDADE na era digital. **Veja – Edição Especial**, São Paulo, n. ? p 30-31, Dez. 1995.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender**. São Paulo: Paulinas, 1989, 183 p.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Aprendiz do futuro – cidadania hoje e amanhã**. São Paulo: Ática, 1998. 33 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 184 p.

LEVY, Pierre. O digital e a inteligência coletiva. **Folha de São Paulo**, jul. 1997, p 5-3.